

DF-Brasil 1960-1989

## MENDES RIBEIRO

O Plano Piloto de Brasília não tem a forma de um avião como se diz e se dá por certo. A visão de Lúcio Costa, no entanto, a única, por evidente, correta, foi fixar a figura de Juscelino Kubitschek de Oliveira, braços ao ar, semi abertos, recebendo os sonhos de um Brasil inteiro.

O que seria, na idéia do excepcional homem público, o Brasil Intelto? Interiorizando a Capital, bandeirante de nossos tempos, cumpria determinação constitucional de outros, também pseudamente visionários, forçando a ocupação das terras todas e não apenas das banhadas pelo mar. Hoje, quando se mensura o país do centro para qualquer canto, se tem a noção exata de quanto olhava longe e pensava grande, JK.

Grifo, 29 anos depois de aqui ter estado para narrar a inauguração da cidade tombada patrimônio da humanidade, apesar da falsidade dos julgamentos intempestivos. Da inveja dos mediocres. Dos bastidores onde conchavam os pestilentos.

Juscelino, sofrendo o amargo do exílio, voltou algumas vezes, disfarçado, ao Catetinho. E, solitário, curtiu a ingratidão. Jamais perdeu a fé. Sabia ver o amanhã. Antecipava a consagração da história.

Rotina, agora, as palavras de louvor. Redundâncias! Tarefa ingrata buscando, inutilmente, dar roupagem nova aos

clichês, tanto se escreveu e falou sobre a obra impar. Reconhecida pelo mundo, marca, definitivamente, o erro imperdoável dos imediatistas sem visão. Em vida, à Juscelino, foram reservadas lágrimas e frustrações. Depois, sempre depois, monumentos. Aplausos póstumos. Reverências. O reconhecimento pigmeu, ante a eloquência da afirmação.

Não tenho, pois, nada a acrescentar ao rosário de penitências rezado por milhões de incompetentes, por apressados, juizes.

Exorcizando, por formação, amor à liberdade e respeito aos semelhantes, as tiranias, anoto, na saga de Juscelino, um dos exemplos mais fortes de quanto se atropela a vida e se arrazam os valores de um povo, quando em cena a prepotência megalomaníaca dos ditadores.

Brasília não é conto de fadas, irrealdade ou escarrote em cima da miséria de nossa gente. E, pelo contrário, projeção de nossa potencialidade, afirmação de nossa ousadia e a demonstração de nossa capacidade, se unidos e direcionados apostarmos no futuro. O erro de alguns não martiliza todos. Imperdoável, porém, é quase todos, cegos pelo arbítrio de alguns poucos, massacrarem a história.

*Mendes Ribeiro, jornalista, é deputado federal pelo PMDB do Rio Grande do Sul*